

Júlia de Carvalho Melo Lopes

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura Contemporaneidade (PUC-Rio). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes (UFC).
E-mail: julialopess@gmail.com

À escuta de mulheres e suas dores: a experiência do Podcast Sozinha de Si

Listening to women and their pain: the experience of Podcast Sozinha de Si

Escuchando a las mujeres y su dolor: la experiencia del Podcast Sozinha de Si

RESUMO

O presente trabalho investiga os episódios do Podcast Sozinha de Si, idealizado e produzido por Mayra Abbondanza, à luz das discussões sobre estar à escuta e das questões de gênero. Entre abril e outubro de 2024, 30 mulheres foram ouvidas para que suas histórias fossem contadas nesses episódios. Em sua maioria, essas mulheres não haviam, até então, compartilhado tais situações que as dilaceraram em sua humanidade, forçadas a viver suas dores sozinhas e em silêncio. A escuta, mediada pelo celular e pela prática de ghostwriting, possibilitou perceber como, para a mulher, há uma sobrecarga no campo do cuidado, consigo e com aquelas e aqueles que as rodeiam. A veiculação dos episódios do podcast, como produto comunicacional, possibilita a existência de uma rede que, pela história, fortalece a comunidade daquelas que viveram a pior face do patriarcado. O trabalho apresenta, ainda, alguns números relacionados a essas mulheres e como instituições se portaram diante das violações que viveram.

Palavras-chave: escuta; mulheres; solidão; rede; podcast.

ABSTRACT

This paper explores the episodes of Sozinha de Si Podcast, idealized and produced by Mayra Abbondanza, illuminated by the discussions on listening and gender issues. Between April and October 2024, 30 women were heard, so their history would be told in those episodes. Most of these women had never talked about how they had been torn apart in their hearts, forced to live that pain alone. They were listening to through the cellphone and the ghostwriting practice, and that has called attention to the lowliness which those women had to face, overloading their burden to hold on to themselves and other under their care. The existence of the podcast, as a communicational product, has allowed the existence of a network that, throughout those stories, has strength a community of those who have experienced the worst of our patriarchy system. This paper also brings up some numbers concerning the institutions that were supposed to help to welcome those women.

Keywords: listening; women; loneliness; net; podcast.

RESUMEN

Resumen en español: Este trabajo analiza el pódcast Sozinha de Si, ideado y producido por Mayra Abbondanza, desde la perspectiva de la escucha activa y las discusiones sobre cuestiones de género. Entre abril y octubre de 2024, se documentaron los relatos de 30 mujeres, cuyas historias personales fueron narradas públicamente por primera vez. En su mayoría, estas mujeres no habían compartido previamente las situaciones que desgarraron su humanidad, viéndose forzadas a vivir su dolor en soledad y silencio. La escucha activa, mediada por dispositivos móviles y la técnica del ghostwriting, revela la sobrecarga que enfrentan las mujeres en el ámbito del cuidado, tanto hacia sí mismas como hacia quienes las rodean. La difusión de los episodios del pódcast, como producto comunicacional, permitió la existencia de una red que, a través de las historias, fortalece a la comunidad de aquellas que han vivido la peor cara del patriarcado. El trabajo presenta, además, algunos datos relacionados con estas mujeres y cómo las instituciones respondieron ante las violaciones que sufrieron.

Palabras clave: escucha; mujeres; soledad; red; podcast.

Imagens e premissas: introdução

Antes de avançar pelas questões e pelo objeto a que se dedica este trabalho, queremos sugerir uma imagem e sua presença por todo o percurso iniciado agora: a figura de uma mulher que fala e de uma outra que escuta, mediadas por dispositivos tão comuns no século XXI - o celular de cada uma.

Por cerca de um ano, essa foi a imagem vivida por Mayra Abbondanza, por mim e mais outras 30 mulheres. Mayra é criadora do Podcast Sozinha de Si, desenvolvido entre abril e novembro de 2024 e experiência sobre a qual este texto se dedica; eu fui sua assistente no processo. As outras 30 mulheres participaram contando suas histórias. Todas estavam distantes fisicamente, mas havia proximidade e acolhimento através da escuta.

Essas mulheres foram, de uma forma ou outra, dilaceradas em sua humanidade, forçadas a viver suas dores sozinhas e em silêncio. Essa escuta, mediada pela máquina e pela prática de *ghostwriting*, possibilitou a existência dos 30 episódios, veiculados a cada semana por todos esses meses. Vale dizer que a maioria das histórias ainda não havia sido contada publicamente.

Partindo dessa experiência, este trabalho intenta perscrutar as questões implicadas no gesto de estar à escuta para a feitura de um produto comunicacional que tem mulheres como protagonistas. Pretende, portanto, entender qual o papel que o formato *podcast* exerceu no projeto, além de pensar sobre como a solidão e a violência, problemas que a questão de gênero intensifica, fomentaram a fala dessas mulheres, estruturadas para a veiculação no formato em questão. A prática da escrita fantasma incide diretamente aí, sendo um disparador para se pensar como as muitas vozes de mulheres podem ser amplificadas e reproduzidas. Importante falar ainda do pano de fundo deste trabalho sendo a vontade de ativação de um campo de solidariedade, em que as histórias de violência contra a mulher são contadas *para que nunca mais aconteçam*.

Estar à escuta: preceitos teóricos

O que acontece quando estamos à escuta? Estar à escuta é um dos modos a que vários animais - incluindo os humanos - se valem para constituir o mundo ao redor, para forjar o mundo em que vivem. É um modo, em outras palavras, de criar relação, exercer a existência, sendo, assim, uma forma de exercer também a solidariedade e a comunidade. É um gesto que interessa a diversos campos de estudo, em vários tempos, desde a antiguidade grega aos pesquisadores da cultura na atualidade. E não só por um protagonismo do gesto em si, mas pelo contraponto que estabelece ao privilégio de sempre da voz: "Existe uma linha traçada na história da filosofia, ou do pensamento ocidental, em que o que está em jogo, o que está no centro e ocupa um lugar privilegiado, é a voz, o *logos*. (...)", argumenta Marcelo José Derzi Moraes, no início do texto *A escuta por vir* (2021, p. 100). Para então dizer: "se a história do Ocidente é a história do *logos*, do espírito, da razão, é também a história da voz" (Idem).

Estamos diante de algo que se dá de forma cotidiana. Quando a máxima "todos falam, ninguém escuta" é repetida à exaustão, se sobressai um incômodo que é compartilhado também quem fala. Curioso é, ainda, que num outro exemplo coloquial, uma frase dita no dia a dia seja, em referência ao corpo: "você tem uma boca e dois ouvidos, use-os nessa medida". Com frequência, aliás, essa frase é direcionada às mulheres. Ao longo da nossa moderna

existência, mulheres foram taxadas de faladeiras e conversadeiras, de modo pejorativo. O que não deixa de ser um acinte. Como lembra Tamara Kamenszains, é no cochicho e no sussurro que as mulheres aprenderam a dizer de si, “...para desandar o microfônico mundo das verdades altissonantes. Tão calada e lateral foi sempre sua relação com a marcialidade dos discursos estabelecidos”¹, no texto *Bordado e costura do texto* (2000). Mulheres foram, historicamente, alijadas de vários processos sociais, não podendo participar da fala política ou técnica, atravessando tudo isso em silêncio, ou precisando lançar mão da pressão política e da insistência aumentado o volume da voz.

A recuperação do gesto da escuta é, assim, a recuperação daquilo que não está na centralidade das ações humanas, mas que habitou as margens junto daquelas e daqueles que ali também estavam. E tendo isso em vista, o exercício do projeto – cuja finalidade era a produção de episódios de um *podcast* para a escuta – consistia em atuar ali onde a fragilidade da mulher se mostrava ainda mais contundente: não só pela experiência da inibição da fala como também pelo sofrimento que vinha carregando sozinha. As dores, verbalizadas da forma possível por essas mulheres, soaram à escuta como eram: atravessadas pela condição marginalizada e silenciada de suas existências – para tocar as nossas próprias, ouvintes.

Formada, então, uma comunidade da escuta, deu-se ali “um acontecimento, um sentido que percorre e transpassa os indivíduos, neles despertando a sua condição originária de ser-com (*Mitsein*), ser-uns-com-os-outros”, como salienta o pesquisador Eduardo Yuji Yamamoto no texto *A comunidade dos contemporâneos* (2013, p. 69). Estar em comunidade não de forma estanque, mas num processo de elaboração do estar junto com o outro. A comunidade pensada por esse texto tem, portanto, a intenção do encontro com o que pode acontecer ao estar à escuta, em contraposição à determinação da união de iguais. Nesse sentido, também comparece a essa comunidade a audiência pretendida pelo *podcast*, como uma audiência aberta à existência daquela mulher que, por um tempo longo, para além da cronologia, sofreu em silêncio, sem amparo nem escuta.

Estamos diante, assim, de uma comunidade em que o Outro se aproxima e abre uma fresta para a relação, seja silenciosa ou pronunciada nos comentários nas redes em que as histórias foram apresentadas, além do compartilhamento desse produto; mas é, sobretudo, a relação que experimenta um eco em sua caixa torácica do que é estar na dor e na solidão. Importante, antes de seguir, fazer um ajuste de sintonia: esse Outro, que no texto de Yamamoto é o outro pensado pela filosofia mais próxima do artigo no masculino, na chave do sujeito moderno e antropocêntrico, aqui é elaborado junto com o sujeito da frase no feminino: “O homem é sujeito, ele é o Absoluto; ela é o Outro.”² (Beauvoir, 1970, p.10).

1 Tradução de Clarisse Lyra através do link: https://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/Kamenszain_Bordado%20e%20costura%20do%20texto.pdf Acessado em 17 de maio de 2025.

2 Essa análise, já tão disseminada nos estudos feministas, parte da discussão antropológica de como a mulher emula o lugar dos povos explorados pela hegemonia colonial e capitalista. Em toda a introdução do livro *O segundo sexo*, Beauvoir apresenta a questão. Nesse sentido, ela diz que “a mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem-se: ‘Você pensa assim porque é uma mulher’. Mas eu sabia que minha única defesa era responder: ‘penso-o porque é verdadeiro’, eliminando assim minha subjetividade. Não se tratava, em hipótese alguma, de replicar: ‘E você pensa o contrário porque é um homem’, pois está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada. Praticamente, assim como para os Antigos havia uma vertical absoluta em relação à qual se definia a oblíqua, há um tipo humano absoluto que é o masculino” (BEAUVOIR, 1970, p. 09).

O apontamento de Simone de Beauvoir, insistentemente recuperado por estudos feministas, mantém sua força argumentativa: no percurso da produção do conhecimento ocidental, uma forma foi tomada como universal, como modelo de todo o humano, qual seja: o homem, em sua centralidade europeia, o que implica numa configuração branca, heteronormativa, de classe social marcada. Tudo o que não corresponde a tal modelo, o que não o espelha, é tomado como o Outro, o que, vale frisar, personifica a estranheza que se apresenta no corpo social.

Dito de outra forma, entendemos que, se existe um modelo Universal e um Outro que não é modelo, é porque existe o sistema patriarcal. Suas raízes, antigas, continuam ativas, continuam condicionando as relações de gênero, como ficou evidente nas histórias ouvidas para o *podcast*. Uma dessas raízes está na Grécia antiga e deve ser mencionada pela prevalência de muitas ideias gregas ainda na atualidade. Sabemos que, naquele momento, a democracia era exercida apenas pelos homens livres, que o debate político sobre a vida social, as decisões públicas, as relações entre gerações (com a formação dos jovens pelos homens mais velhos), o exercício da democracia, enfim, excluía as mulheres, ainda que elas estivessem presentes em outras instâncias – como professoras, filósofas, diretoras de escolas (Waithe, 2025)³. O que herdamos da história grega – inclusive as narrativas heroicas de Ulisses contadas por Homero e toda a mitologia de deuses e semideuses, são fruto de uma organização patriarcal (Sennet, 2010; Goldhill, 2007)⁴.

O cristianismo, que encontrou no Império Romano, a partir do terceiro século desta era, uma forma de alcançar grandes dimensões, funcionou como continuidade no que tange à relação com as mulheres. Segundo Guarines e Oliveira, as passagens bíblicas indicam como Jesus, de forma inaugural em relação à religião judaica, acolheu e foi acompanhado por mulheres. No entanto, São Paulo, o primeiro propagador do cristianismo, mantém a submissão da mulher como proferia a fé dos judeus e o modo de vida grego. Nesse sentido, o texto afirma as proximidades no que dizem São Paulo e Platão:

Para ambos, há um “mundo ideal”, previsto na teoria das formas e no reino dos céus, e o mundo “real”, com imperfeições, dor e sofrimento. Para o primeiro, a realidade decorre do pecado original, causado por Eva; para o segundo, ela advém dos erros de Pandora, que também desobedeceu ao conselho de Prometeu. (2024, p. 74)

O outro marco que nos interessa aqui é o Renascimento, quando a filosofia grega é relida sem a interferência direta do poder do Deus cristão (Valverde, 2004). Quando a Idade Média perde força em ditar o modo de vida na Europa, o Renascimento surge como uma

³ O livro *Uma história de mulheres filósofas* (2025), organizado por Mary Ellen Waithe, reúne, em quatro volumes, história de muitas filósofas que produziram o conhecimento que o Ocidente herdou da Grécia e manteve vivo depois do Renascimento. O primeiro volume, por exemplo, começa com a escola pitagórica: “Teano de Crotona, esposa de Pitágoras de Samos, era de uma família aristocrática, órfica. Há um documento atribuído a ela que discute a metafísica pitagórica, e há registros de seus apotegmas, a partir dos quais podemos esboçar seus pontos de vista sobre casamento, sexo, mulheres, ética. (...) ...suas filhas Damo, Mia e Arignote tiveram também a fama de estar entre as primeiras filósofas pitagóricas”, escreve a organizadora na introdução (p. 21).

⁴ As duas obras referenciadas neste parágrafo – *Carne e pedra*, de Richard Sennett, publicado originalmente em 1994, e *Amor; sexo e tragédia*, de Simon Goldhill, de 2004, aprofundam, cada uma a sua maneira, as relações sociais tanto gregas quanto romanas, chamando atenção para a predominância do masculino como aquele destinado a grandes feitos, enquanto à mulher cabia papéis secundários.

transição: é quando as descobertas de Copérnico e Galileu Galilei direcionam o olhar para os céus como um espaço de exploração, não apenas de morada divina; é quando as grandes navegações permitem os primeiros movimentos em direção ao Período Moderno e à colonização⁵, é quando, segundo Silvia Federici (2017), o capitalismo comercial sedimenta o trabalho reprodutivo das mulheres.

Ao denunciar a exploração do trabalho reprodutivo no capitalismo, protagonizado pela mulher, a filósofa Silvia Federici revê a teoria marxista a partir da questão de gênero, reconhecendo a exploração e acumulação do trabalho, mas reposicionando agentes. Em entrevista Eliane Gonçalves e Mariana Prandini Assis (2022), Silvia Federici explora o caminho traçado:

... aplicamos a noção marxista de produção, a ideia de que, no processo de produção, o capitalismo nos explora e acumula riqueza. Mas vimos que isso se dava de uma forma muito diferente: enquanto a classe trabalhadora masculina historicamente adentrou no capitalismo como produtora de commodities para o mercado, nós fomos confinadas ao trabalho de reprodução da mão de obra. (p. 8)

Para Federici, o núcleo familiar se assemelha a um tipo particular de fábrica, cuja engrenagem é incessante e está sob a responsabilidade das mulheres. O trabalho do cuidado, de manutenção da casa, das relações que sustentam o núcleo, é invisibilizado e dado como atávico ao ser mulher, resultando em uma estrutura difícil de desmontar. Com isso, foi possível não só acumular uma enorme quantidade de trabalho sem remuneração, “mas também dificultar a luta contra ele, porque quando dissemos ‘não queremos fazer trabalho doméstico’, parecia que estávamos lutando contra nossa família” (Idem). Isso resulta numa dissociação da mulher e a produção do capital, atividade atribuída ao homem (mais adiante será possível perceber como isso se deu na vida das mulheres ouvidas para a produção do *podcast*). Federici nos lembra ainda como a violência doméstica é uma estratégia de manutenção do trabalho assalariado de reprodução, delegado às mulheres. O capitalismo é, assim, uma das chaves de manutenção do sistema patriarcal, e a ele serve.

É na esteira dessas imposições sociais, replicadas nas falas das autoras das histórias, que percebemos a autorização coletiva que liberou homens para executarem a agressão e impediu mulheres de procurar ajuda; que fez o Absoluto da permissão avançar pelo corpo e pela liberdade dessas mulheres. As falas que elas protagonizam são da ordem da impertinência que elas organizam, muitas vezes sozinhas, para reconstruir em suas histórias o exemplo a não se repetir, para que se evidencie o imponderável da violência. A fala aqui é, portanto, recuperada por outro caminho, o caminho da insurgência - quem não pode falar, fala mesmo assim.

Nesse sentido, a voz recuperada não é aquela do *logos*, mas da vontade de resistir ao lugar de submissão e subordinação. É uma fala por vezes desordenada, como vai ser possível perceber mais à frente, às vezes confusa, ainda magoada. Mas insistente, para que outras

⁵ É importante ressaltar que, de acordo com os estudos decoloniais, não há Período Moderno sem a colonização, sendo esta a base da estrutura que aquele estabelece. Para isso, ver: BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, p. 89-117, 2013.

mulheres possam escutar, formando pelo elo da história a comunidade da escuta, do *ser-com-as-outras*, e assim protagonizar uma afronta ao que se toma como passível de violência: o corpo Outro, estranho, que só deve ocupar o lugar a que lhe foi destinado, qual seja: o do trabalho, o do silenciamento e o da anuência às normas. Nesse sentido, a escuta que o Podcast Sozinha de Si convoca é a escuta para um enfrentamento do patriarcado e de suas normas. Aquele do *logos*, do centro, do lugar privilegiado.

Com isso, com todas essas distinções em jogo, impossível não refazer a pergunta do início dessa seção do texto, num outro vetor: o que acontece *com quem fala* quando alguém escuta?

Escutar para contar: metodologia (a)

Para esta pesquisa, a escuta é tida como tecnologia metodológica, assim como a prática da escrita fantasma, o *ghostwriting*, e o anonimato, o que permitiu estabelecer, com essas mulheres, acordos de confiança e acolhimento. Tais decisões estão na formulação mesma do projeto e partiram da idealizadora. Mas, antes de detalhar ambas as escolhas, vamos contar do cotidiano do trabalho.

O chamado para as histórias foi feito via rede social, no Instagram, pelo perfil @maabbondanza, que fez tráfego pago para alcançar mais mulheres (um mês depois do lançamento do projeto). Elas entravam em contato por mensagem direta, sendo redirecionadas para o Whatsapp ou o *Email*, e escolhiam como queriam relatar a história, fosse por texto ou por áudio. Desde o início não houve cobrança financeira para o compartilhamento dessas histórias, eliminando eventuais atravessamentos que o dinheiro pudesse trazer. O anonimato cumpre função de proteção - que o jornalismo e as instituições públicas lançam mão com frequência. Os episódios foram veiculados no Spotify, no tocador da Apple e no Youtube, sendo levados, na mesma semana, para o Instagram, com o espaçamento de quatro dias. O projeto se deu, assim, no entrelaçamento dessas redes sociais, com o protagonismo do texto lido para os tocadores. Vale dizer que nenhuma das histórias tem mais de 15 minutos de duração.

Três mulheres escolheram expor o próprio nome, já que vinham falando sobre suas experiências em outros ambientes, com a mesma intenção: alertar mulheres sobre indícios de violência que poderiam vir a sofrer e garantir que é possível sair do ciclo de dor em que estavam. Foram elas: Maria Lucimar Gonçalves, Patrícia Joansen e Francisca Pessoa, autoras das histórias número 21, 27 e 30, respectivamente. A história da Maria Lucimar, a Mazinha, intitulada *Para que nunca mais aconteça* e veiculada dia 26 de agosto de 2024, já carrega, nos primeiros parágrafos, essa intenção:

Quería começar minha história dizendo que não tenho raiva. Ao ouvir o que vou contar talvez você se esqueça disso, porque minha história é muito pesada, com muita violência e violações. Mas te peço que não se esqueça: não tenho raiva. O que tenho é vontade de que você saiba quem sou e que o que aconteceu comigo nunca mais aconteça com nenhuma outra criança. Pedi para a Mayra abrir uma exceção e divulgar o meu nome. Eu sou Maria Lucimar Gonçalves, mais conhecida como Mazinha. Nasci em Jardim, uma cidade do extremo sul do Ceará, na região do Cariri, no ano de 1980. Tem uma matéria sobre mim no G1 de Presidente Prudente, cidade onde moro desde a adolescência.

Mazinha relata, então, uma vida inteira de abusos: primeiro o nascimento prematuro resultado das pancadas do pai na mãe grávida de sete meses, depois os avanços por seu corpo de criança pelos amigos da família e dos próprios familiares, para seguir sofrendo toda sorte de violações sem apoio ou qualquer outra garantia pela adolescência e também na vida adulta. Mais à frente essas histórias serão vistas com mais vagar. Por enquanto, queremos evidenciar a vontade dessas mulheres de darem corpo e rosto à história na intenção da prevenção da violência.

Como fez Patrícia Joansen, autora da história de número 27 - *Vai construir teu império* - veiculada no dia 7 de outubro. Para Mayra, Patrícia enviou, 8 de maio de 2025, um recorte de 18 minutos de uma entrevista que já havia concedido para um programa do Youtube. A história de Patrícia foi montada a partir desse recorte. Nele, ela também alerta para a possibilidade de que sua história crie eco em outras:

Se você não trabalha, vai fazer uma unha, limpar uma casa, vai construir teu império. É sempre nisso que eu penso quando vejo as mulheres que estão passando pelo que eu passei. Na minha história, a violência não apareceu em forma física, nem de imediato, levou 12 anos pra que o meu então marido começasse um comportamento tóxico.

A terceira das mulheres que escolheu divulgar seu nome foi Francisca Pessoa, a Kika, cearense como Mazinha, também uma sobrevivente. Ao final do relato *Nome Francisca, sobrenome recomeço* (publicado dia 28 de outubro de 2024, sendo o trigésimo episódio), ela conta do seu momento atual e da força que a fez mantê-la em atividade, sendo esta, justamente, a vontade de que a sua história previna novas violações:

Atualmente, com 48 anos, sigo reconstruindo minha vida. Mudei de casa, meus filhos já têm suas próprias famílias e estão construindo suas histórias. Trabalho em uma instituição que atende pessoas na terceira idade e estou envolvida em projetos sociais e campanhas de enfrentamento à violência de gênero.

Essas foram, pois, as exceções em relação ao anonimato. As demais tiveram suas identidades preservadas, num cuidado consigo próprias ou com a família, ou mesmo por uma vontade de deixar o passado no passado. Muitas delas ainda estavam sob o efeito dos acontecimentos, ainda estavam querendo resolver, psicologicamente, o que lhes tinha acontecido.

Houve ainda outra exceção: quatro mulheres disseram de dores que não envolviam violência - uma delas relatou a convivência com a mãe idosa e enferma (episódio número 28), outra contou sobre a perda do namorado, falecido num acidente (ep. 28) e uma terceira falou sobre como estava submissa ao sentimento que tinha por um companheiro, cuja primeira frase é: "Tem dias que eu me sinto como uma usuária de drogas" (ep. 20). A quarta narrou a experiência de conviver com o Parkinson precoce (ep. 11). Nessas histórias, a solidão e a dor dizem de um estar no mundo como ser humano. Nas 26 demais, são relatos que envolvem crimes de gênero, abrindo feridas que o sistema judiciário nem sempre consegue cuidar.

No decorrer da coleta dessas histórias, não havia limites para o que pudesse ser compartilhado (nem de tamanho nem em suas particularidades). No cerne do chamado estava a solidão e a dor: “Sozinha de Si é um projeto de histórias silenciadas de mulheres despedaçadas, contadas anonimamente, para cuidar de todas de uma vez”, dizia um dos primeiros posts do Instagram sobre o projeto:

FIGURA 1 – Chamado para participação do Projeto Sozinha de Si



Fonte: captura de tela do perfil @maabbondanza

As histórias foram, assim, chegando. Mayra detalha que no primeiro contato, fazia as explicações do modo como o trabalho se daria, cuja metodologia se valia da prática de *ghostwriting*. Esse é um ofício já em plena atividade no Brasil e em outros países, mas não é um trabalho largamente discutido. Nele, a escrita é um serviço, prestado a quem não pode (seja qual for o motivo) escrever o texto que precisa ser escrito. Aqui a autoria não é de quem escreve, mas de quem contrata o serviço. Talvez por isso a ausência de discussão sobre a prática de *ghostwriting* – não é comum encontrar debates nem na academia, nem no mercado. “Quem faz não revela nomes, e, muitas vezes, nem o assunto. Escreve na sombra de outra pessoa e, não raro, falta ao lançamento da obra, que não é assinada por ele”, explica o texto de abertura de uma conversa no Instituto Vera Cruz, em São Paulo, entre três *ghostwriters*, Renato Prelorenzou, Tiago Novaes e Ivan Marsiglia, mediada pela jornalista e escritora Gabriela Aguerre (2018).

Em uma rodada de respostas, Prelorentzou lembra que “O escritor fantasma é a figura que gira em torno da autoria sem jamais ocupá-la” (p. 80). A questão da autoria é um dos pilares de toda a formação moderna do Ocidente, presente tanto na filosofia estruturalista quanto no pós-estruturalismo. Para o postulado do *logos*, a autoria configura o objeto de afirmação do sujeito e o posiciona socialmente⁶.

A partir da experiência do projeto Sozinha de Si, a prática da escrita fantasma atesta como uma história pode estar inscrita nas estatísticas de violência contra a mulher, mas é extremamente íntima em sua percepção, dor e desdobramento – talvez seja aí onde a autoria reverbera. A escrita fantasma possibilitou a ampliação das vozes dessas mulheres diante do silenciamento a que foram submetidas, mulheres que, por vários motivos, não conseguiriam escrever suas histórias elas mesmas. O anonimato, também entendido como uma tecnologia metodológica, funcionou como uma garantia que permitiu proteção, fosse diante da sociedade, que em outros momentos foi violenta com essa mulher, fosse psíquica, já que algumas delas ainda não estavam preparadas para falar abertamente sobre o que sofreram. Numa outra chave, diríamos crucial, “a escrita fantasma foi mais um elemento de conexão com essas mulheres, por dar estrutura e organização para suas falas marcadas pelo trauma”⁷, apontou Mayra.

Algumas poucas histórias precisaram de ajustes. Outras, no entanto, precisavam ser remontadas para seguir uma narrativa e permitir o acompanhamento da/do ouvinte. Nesses casos, as datas apareciam fora de ordem, em outras vezes, os acontecimentos mudavam de lugar ou as pessoas presentes variavam. Seria interessante ler esse material sobre a ótica da saúde psíquica ou das questões do trauma e da memória, o que não podemos realizar aqui. Para efeito da pesquisa que estamos apresentando, o que importa é que a escrita fantasma foi ferramenta para a veiculação das histórias. Assim, uma vez escritas, eram enviadas para aprovação das autoras. Elas avaliavam também os títulos e as imagens que acompanhavam as postagens nas redes sociais. As gravações foram feitas de forma crua, não havia aplicações ou inserções sonoras. A principal preocupação era dar cadência para a leitura, tentando ao máximo fazer com que o *podcast* cumprisse seu papel de propagação dessas histórias.

Veicular a escrita: metodologia (b)

Recuperamos, neste momento, a imagem do início do trabalho, um elo de mulheres pela escuta e pela fala, mediadas pelos dispositivos. Eram eles, principalmente, o celular e o *podcast*. Campo fértil para a pesquisa em comunicação, pela crescente presença entre a audiência⁸, o *podcast* amplia as redes de repercussão das histórias contadas – o que sempre foi, para a idealizadora do programa, uma intenção de base do projeto em análise⁹: chegar a

6 Não à toa, a autoria nas artes surge no Renascimento – quando a perspectiva é criada e a individualização do processo artístico marca a individualização também da obra (Valverde, 2003; Rivera, 2009).

7 Entrevista concedida para a autora em 8 de maio de 2025, via Whatsapp.

8 Segundo pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Podcasters para o biênio 2024/2025, o Brasil tem quase 32 milhões de ouvintes de *podcasts*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/819853541/PodPesquisa-2024-2025FINAL-1> Acessado em 29 de novembro de 2025. Há, ainda, a apresentação da pesquisa feita, no link: https://www.youtube.com/live/HCrxRLpQ2DM?si=_BOUH-hqE818wg0W. Acessado em 29 de novembro de 2025.

9 Entrevista concedida para a autora em 8 de maio de 2025, via Whatsapp.

mais mulheres. Ao se dar em formato primordialmente sonoro, o *podcast* atua diretamente na esfera íntima, possibilitando uma escuta direcionada, o que o aproxima tanto do rádio quanto dos produtos feitos para o consumo na Internet¹⁰. Essa potência do meio sonoro foi fortalecida ainda mais pela pandemia, quando 57% dos brasileiros adotaram o hábito de ouvir *podcasts*¹¹.

Como estratégia comunicacional, o *podcast* opera em uma dinâmica singular que combina a intimidade do áudio com a flexibilidade do conteúdo sob demanda. Diferentemente das mídias tradicionais, ele não está submetido a horários fixos ou a limites geográficos, permitindo que o ouvinte acesse os episódios quando e onde quiser. Essa característica o torna um veículo maleável, capaz de se adaptar às rotinas diversas de seu público, fortalecendo a relação de proximidade e cumplicidade entre produtores e ouvintes (Buogo, 2023).

Outro aspecto fundamental é a interatividade possibilitada, criando uma relação de acompanhamento próximo com a audiência. Essa continuidade permite aprofundar temas, construir arcos narrativos complexos e estabelecer um vínculo duradouro (Idem). Essa interação foi evidente durante o processo de divulgação do Sozinha de Si, realizado não apenas nos aplicativos de áudios, como também nas mídias sociais, principalmente o Instagram. Neste, as conversas desaguaram em reflexões e depoimentos adicionais entre as internautas, criando uma rede de escuta expandida. Na imagem abaixo, alguns dos comentários que constam no perfil do Instagram.

FIGURA 2 – Exemplos de depoimentos a partir da escuta do Podcast Sozinha de Si



Fonte: captura de tela do perfil @maabbondanza

10 Há uma discussão sobre ser o *podcast* uma mídia herdeira do universo radiofônico ou ser um produto da Internet. Sobre isso, ver: BUOGO, Sarah. **Elas são podcasteras**: motivações e trajetórias de mulheres na podosfera. Orientadora: Fernanda Casagrande Martinelli Lima Granja Xavier da Silva. 2023. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília, 2023.

11 Podcast: popularização e diversidade de informação em um só formato | Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

De acordo com as estatísticas do tocador Spotify, o *Sozinha de Si* contou com 20 mil *plays*, 1.500 horas de execução e um público majoritariamente feminino (95%)¹², o que nos indica como tal formato pode se tornar um espaço de resistência e identificação para grupos historicamente marginalizados na mídia tradicional. A predominância de mulheres ouvintes, em sua maioria entre 35 e 60 anos, sugere que o *podcast* atua como um refúgio sonoro para discussões muitas vezes ausentes em outros meios, além de fortalecer a comunidade aqui imaginada. A concentração geográfica (90% no Brasil) e a presença em outros 38 países revelam essa expansão.

Costurar a comunidade: tecendo narrativas de resistência

Partimos agora para a leitura mais aproximada das histórias contadas nos episódios. Começamos com o relato da autora do episódio 19. Ela, os irmãos e a mãe foram vítimas da violência física impetrada pelo pai, que cometia abusos sexuais e psicológicos. Na adolescência, foi estuprada por um conhecido do bairro e, depois da denúncia, passou a ser perseguida pelo irmão do seu abusador. Ao longo da vida, o trauma a acompanhou em relações nas quais um padrão se repetia: homens violentos de quem ela não conseguia escapar. Quando o pai morreu, ela foi a única a levar uma coroa de flores.

Eu não entendia que era abuso, que era crime, e que poderia ter reagido, denunciado. Cresci assistindo esse cenário em casa com meus pais. O que eu ouvia é que casamento é para aguentar, que mulher tem de ceder e obedecer ao marido. Eu achava que fazia parte do casamento, achava que a vida de casada impedia que eu estudasse ou trabalhasse. Fico triste quando ouço que ainda tem gente que diz isso.

Um outro tipo de violação aconteceu com a autora do episódio 10 - que descreve a forma como seu tio abusador a manipulava com "ternura perversa". Ele a presenteava e mostrava carinho excessivo em público; quando estavam sozinhos, sua conduta se tornava ameaçadora e invasiva. O mesmo jogo de manipulação que se repete no episódio 18, que expõe o estupro marital que a autora sofreu. O marido justificava seus atos como um "direito conjugal", reforçando a ideia de que o corpo da esposa lhe pertencia. Quanto a esse quadro de dominação e propriedade, Federici (2017) chama atenção para como a ascensão do capitalismo é propulsora de relações similares de homens com mulheres: "'Mulheres' significa não somente uma história oculta que precisa se fazer visível, mas também uma forma particular de exploração", (posição 493).

O nome do *podcast* - *Sozinha de Si*, trata da necessidade de fazer essa história "oculta se fazer visível". A dimensão da solidão aqui implicada diz dessas mulheres que foram vítimas de seus parceiros ou familiares, mesmo que depois tenham pedido - algumas vezes até conseguido - ajuda. O sofrimento é em seu corpo, sua pele, sua memória. O processo de convivência com essa ferida também é íntimo, ecoando nas trajetórias dessas mulheres. Para

¹² Dados fornecidos pelas produtoras em novembro de 2025.

a autora do episódio 7, que narra a dor de ser violentada por alguém que considerava um irmão, o choque da traição é tão intenso quanto a dor física: “Eu confiava nele mais do que em qualquer pessoa”. Depois de dez anos convivendo como amigos, os dois acabaram sentindo que a relação tinha mudado. Essa mudança, consensual, culminou numa relação sexual não consentida, depois de uma festa, depois de bebidas, depois que ela estava na letargia do sono e da embriaguez.

A solidão se mantém depois do abuso, quando a vítima é encarada como algoz. Como para a autora do episódio 22, que teve de enfrentar o julgamento de familiares e amigos. Ao invés de apoio, recebeu desconfiança e críticas ao perceber que o marido e pai de suas filhas estava se insinuando sexualmente para elas, que eram adolescentes: “Me fizeram sentir que a culpa era minha, como se eu tivesse permitido aquilo”. O silêncio que cerca essas mulheres não é acidental; ele é parte de um sistema que garante a continuidade da violência. Essa lógica é desafiada pela autora do episódio 26 que, após anos sendo usada pelo marido como funcionária da loja dele, depois de sofrer violência patrimonial e de se perceber impotente diante da justiça, decide estudar Direito para lutar não apenas por si, mas por outras vítimas.

A história reverbera em outros contextos como no de Patrícia Joansen, já apresentada aqui como uma das três que decidiu se identificar, ilustrando essa busca por nomear e denunciar padrões de abuso. Durante 12 anos, ela acreditou que estava em um casamento estável, até perceber os sinais progressivos de controle emocional e financeiro. Nesses primeiros anos de casada, a estrutura se mantinha como no plano patriarcal: a mulher cuidando da casa e dos filhos, o marido dedicado aos proventos. Outras forças interferiram nesse processo e ele perdeu o emprego. Patrícia detalha o processo de degradação da relação:

...o depois (da demissão dele): homem desempregado, com depressão, deitado o dia todo. E uma mulher pegando condução, trabalhando, recebendo a remuneração necessária para pagar as contas e... trabalhando também em casa. Tripla jornada, cansativa, injusta. (...).

A gota d'água que fez clarear e transbordar a minha decisão de sair dali foi quando uma das minhas irmãs (nós somos muito ligadas) me disse: “olha, presta atenção que esse homem não tem depressão nenhuma. Quando você sai pra trabalhar ele vai passear de carro, vai pra churrasco, vai tomar cerveja no bairro”. E aí eu dei um basta e fui descobrir a mulher que eu era.

“Fui descobrir a mulher que eu era”: de uma forma ou outra, esse pensamento parece emergir por sobre a dor. Também aconteceu com a Kika Pessoa, também já apresentada, que viveu os limites de vários desses abusos e se tornou um testemunho poderoso de resiliência, dor, superação e, acima de tudo, coragem. Não se trata apenas de um relato de vida, mas de um grito de identidade, de um nome que não deseja permanecer na sombra do anonimato. Ao se identificar, Kika reivindica sua narrativa, dando voz a muitas outras mulheres cujas histórias ainda são silenciadas. O momento de ruptura aconteceu quando, depois de muitos abusos,

decidiu que nunca mais seria refém do medo. Enfrentou ameaças, desafiou as normas sociais e denunciou seu agressor, mesmo quando o escrivão, um agente do Estado, que tentou dissuadi-la, alegando que ela não teria como sobreviver sem o provedor de sua casa.

Vale dizer que essas histórias são contadas porque as mulheres que as viveram perceberam brechas para suas saídas. As histórias existem na resistência ou na convivência dessas dores. Essas mulheres puderam falar porque conseguiram romper com o ciclo de violência, o que não acontece com todas. Essas trajetórias individuais se tornam coletivas quando compartilhadas, fazendo com que a escuta seja o elo de conexão com outras mulheres que podem identificar situações similares. A autora do episódio 23, “Comigo não!”, é bem consciente desse processo. Ao denunciar para a polícia um parente abusador, ela encoraja outras mulheres a romperem o silêncio: “Se nós nos calarmos, daremos força à monstruosidade”. Nesse caso, a vítima foi socorrida graças à Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), um marcador relevante no enfrentamento da violência de gênero no Brasil, que atua para combater qualquer forma de violência motivada por questões de gênero. A existência da lei, motivada pela violência contra a mulher que lhe dá nome, evidencia os efeitos do sistema patriarcal num país como o Brasil.

A fala, então, emerge de um outro lugar, não mais no centro, mas da opressão, reconfigurando o lugar mesmo em que a fala se posiciona. Estar à escuta, portanto, é um processo de devolução da agência às mulheres. Quando se ouvem, quando ouvem suas histórias veiculadas por um produto comunicacional, feito por outras mulheres que não a conhecem, mas que validam suas experiências, elas se sentem sujeitas de sua própria história, rompendo o ciclo de culpabilização e invisibilização. É um movimento ativo. Suas vozes, ecoadas, refletem essa jornada: “Eu achei que estava sozinha, mas quando falei, descobri que nós somos muitas”, diz a autora do episódio 6. Essa ideia se repete no episódio 2, quando o grito “Ninguém no mundo vai me impedir de cantar” se torna um manifesto de liberdade. Quando ouvidas juntas, essas vozes não apenas expõem a violência, mas tecem uma rede de resistência. Num outro aspecto essas mulheres estão, ao compartilhar suas histórias, reescrevendo seu destino.

O perigo mora junto: análise quantitativa

Os dados sobre violência de gênero são muitos. Instituições públicas e privadas contabilizam os números que representam a vida de cada uma das mulheres violentadas. De acordo com o Painel de Dados do Ligue 180¹³, de janeiro a julho de 2025, o canal registrou 595 mil atendimentos e 86 mil denúncias de violências contra mulheres em todo o Brasil, realçando a necessidade de uma categoria política e social para lidar com a expressividade violenta do sistema patriarcal: “Ao utilizar o conceito de violência de gênero, reconhece-se que as ações violentas não são apenas interpessoais, mas também moldadas por cenários sociais e históricos não uniformes” (Muller, 2025, p. 34).

A proposta desta pesquisa, no entanto, é, a partir da análise do *podcast*, inverter esse caminho e perceber o que cada experiência representa nesse universo coletado: da fala individual fomos à quantidade para entender um quadro geral que estava se desenhando com a exposição das histórias. Como essa violência não é um fenômeno isolado, mas uma

¹³ O Painel de Dados do Ligue 180 é uma ferramenta do Governo Federal que contabiliza os números relacionados à ferramenta de denúncia que é o Ligue 180. Os números apresentados aqui estão no link: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2025-08/ligue-180-registra-86-mil-denuncias-de-violencia-contramulheres> Acessado em 29 de novembro de 2025.

engrenagem estruturante dos nossos tempos, queríamos entender o que cada parte (cada história) dizia do conjunto (do podcast) e como o conjunto dava testemunho da parte. Vale lembrar que esta não é uma pesquisa amostral, mas que intenciona espelhar o amostral nesse pequeno, mas significativo, universo de pesquisa.

De início, destacamos que, dos 30 episódios analisados, em 14 deles (46,6%) os agressores eram os próprios maridos ou companheiros – confirmando um dado cruel já repetido pelas instituições que se dedicam aos estudos das questões de gênero. Como exemplo, vale dizer que o Painel de Dados do Ligue 180 registrou, entre janeiro e julho, de um total de 126.455 denúncias gerais, 15.387¹⁴ denúncias feitas contra companheiros – o que representa 12,17% do todo. Apesar de parecerem discrepantes, os números só reforçam a certeza de que a denúncia não é feita por todas as mulheres violentadas.

O estudo do *podcast*, assim, permitiu perceber de quais maneiras as histórias compartilhadas por mulheres de diferentes realidades se entrelaçam para revelar padrões estruturais de domínio e as estratégias coletivas de sobrevivência que emergem desta realidade. 80% das entrevistadas sofreram violência psicológica - que corrói a autoestima e normaliza a submissão – enquanto 53% enfrentaram agressões físicas, marcas visíveis de um sistema que transforma corpos femininos em territórios de disputa patriarcal. Como não houve uma demanda por especificar o perfil dessas mulheres, não é possível apresentar marcadores interseccionais (como raça ou orientação sexual), mas é possível dizer que pelo menos duas dessas mulheres eram negras – são elas Patrícia e Mazinha, duas das três mulheres que se identificaram. Assim, o marcador de raça nos indica o quanto a violência de gênero

se expressa também como misoginia e negação do feminino, em uma perspectiva mais ampla que alcança, necessariamente, a negação de corpos e de sujeitos que deslocam os padrões culturais, raciais, econômicos e políticos da modernidade ocidental, quais sejam, do homem branco, cis e heterossexual. (Muller, 2025, p. 35)

A partir da análise quantitativa, percebe-se que 26,6% das entrevistadas encontraram apoio efetivo após relatarem suas experiências, um número que, ainda que baixo, revela o potencial transformador da escuta. Menor ainda é o número de mulheres que procura a instituição competente: apenas 3,3% denunciaram seus agressores à polícia, um índice que não reflete a ausência de crimes, mas a falência de um sistema que desampara quem ousa romper o ciclo da violência.

A dificuldade de acesso a redes formais de suporte é uma barreira intransponível para muitas: 46,6% das mulheres buscaram assistência psicológica ou jurídica, mas esbarraram na burocracia, na descrença institucional ou na falta de recursos. O resultado é aterrorizante: 30% das entrevistadas precisaram mudar de cidade ou residência para fugir da violência, uma “solução” que escancara o abandono estatal e transfere para as vítimas o ônus de sua própria segurança.

¹⁴ A ferramenta do Painel de Dados do Ligue 180 pode ser manuseada por qualquer usuária(o) de internet, basta filtrar o modo como quer que os números apareçam. A partir do dado total (126.455), pedimos para a ferramenta mostrar quantas dessas denúncias foram feitas contra a o companheiro. <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/ligue180/painel-de-dados> Acessado em 30 de dezembro de 2025.

A maternidade, nesse contexto, emerge como um dos principais fatores que aprisionam as mulheres em relações abusivas. Dos relatos, 56,6% das entrevistadas tinham filhos com seus agressores. O medo de prejudicar os filhos, a dependência financeira e a crença socialmente imposta de que é responsabilidade da mulher manter a família unida criam um ambiente onde o rompimento se torna quase inviável. De acordo com o Mapa Nacional da Violência de Gênero, plataforma mantida pelo Observatório da Mulher contra a Violência (OMV) do Senado Federal, pelo Instituto Natura e pela organização Gênero e Número, em dados de 2025, 1,94 milhões de agressões a mulheres foi feita diante dos filhos, o que evidencia que não é apenas a mulher a sofrer com o ciclo de violência¹⁵.

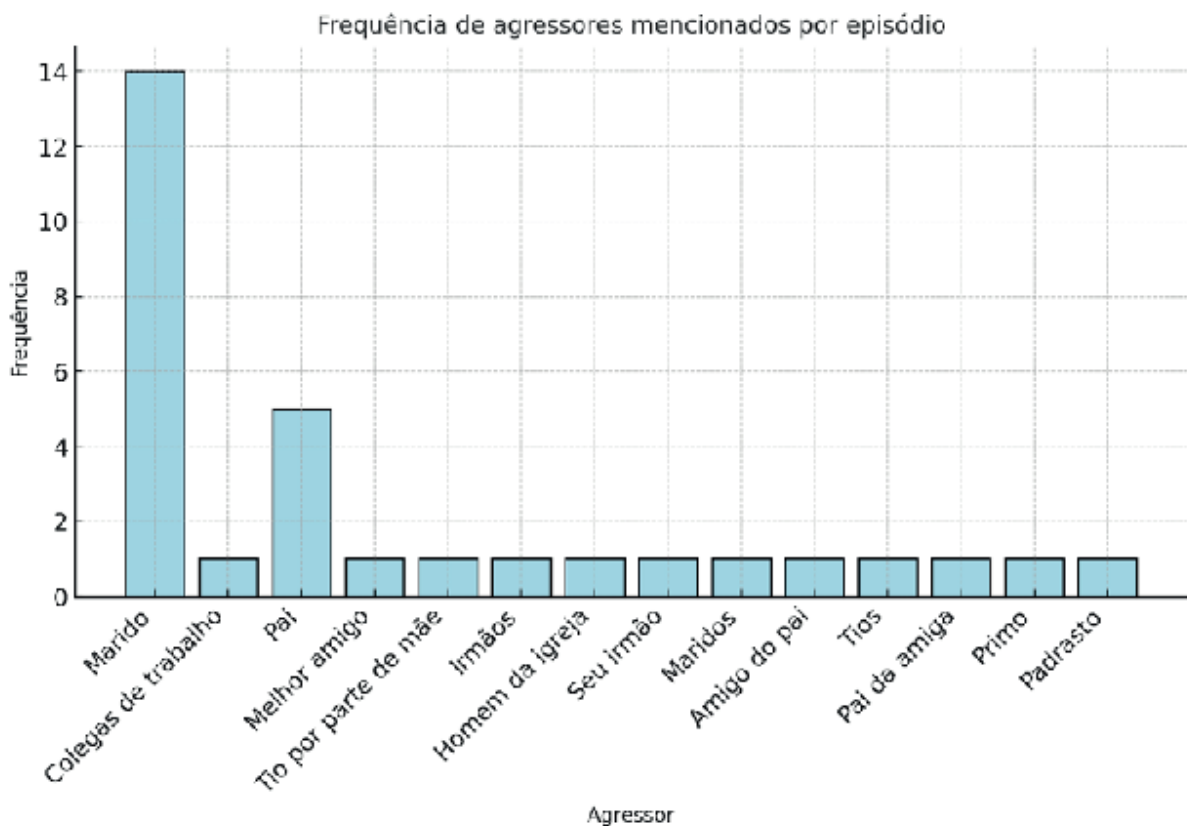


Gráfico para explicitar quem foram os agressores das mulheres que participaram do podcast

Também há de se falar aqui sobre a falha das instituições sociais. A começar pela família, que deveria ser um espaço de acolhimento, mas falhou como rede de apoio em 43,3% dos casos, reproduzindo discursos que minimizam a gravidade da violência. “Aguenta pelo bem dos filhos” e “casamento é para sempre” são frases que atestam a incongruência desse postulado do patriarcado: o homem precisa de um emprego (e cumprir seu papel como provedor) e a mulher precisa de um marido (para se dedicar ao lar que ele provém). Uma mulher separada é tão fracassada como um homem desempregado e a família a força a permanecer no casamento para que não “fracasse”. Além disso, há a violência patrimonial, presente em 16,6% das histórias, revelando como o controle econômico é uma das ferramentas mais eficazes para sustentar a problemática. É contra tais protocolos patriarcais, é para uma nova existência do ser mulher que essas histórias vieram à tona.

¹⁵ Fonte: https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-11/mais-de-70-das-agressoes-contra-mulheres-tem-testemunhas-diz-estudo?utm_source=chatgpt.com Acessado em 30 de dezembro de 2025.

E assim como a família, as igrejas também postulam uma forma de ser mulher que não as acolhem. Poderiam ser espaços de amparo, mas frequentemente reforçaram a submissão feminina, enquanto o Estado se mostrou ausente: apenas 6,6% das mulheres receberam apoio financeiro ou material após denunciar a violência.

A falta de suporte institucional e familiar (presente em 43,3% dos casos, conforme dados anteriores) completa o ciclo de impunidade. Quando delegacias não registram boletins, hospitais não coletam provas adequadamente ou juízes revitimizam mulheres, o sistema envia uma mensagem clara: a violência sexual é tolerada.

Considerações finais para o recomeço

Para a pergunta: "o que acontece *com quem fala* quando alguém escuta?" não há resposta fácil ou óbvia. A intenção deste trabalho, a partir da ferramenta da pesquisa e da análise, foi criar mais um espaço de reverberação do que, junto com o Outro que atende por um nome de mulher, está sufocado pela violência e pelo abuso.

As produtoras do *podcast* foram, portanto, o corpo necessário para as histórias emudecidas das mulheres que participaram desse projeto, acionando a mão da escrita e a voz da interlocução. Para esta pesquisa, os aparatos sonoros que estão ausentes do projeto não interferiram nas perguntas elaboradas que a guiaram. Crucial foi, outrossim, perceber como a força dessas histórias ecoam em quem as ouve, expandindo a experiência individual na comunidade do acontecimento da escuta. Para que nunca mais aconteça.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. *América Latina e o giro decolonial*. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89-117, 2013.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução: Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BUOGO, Sarah. **Elas são podcasters: motivações e trajetórias de mulheres na podosfera**. Orientadora: Fernanda Casagrande Martinelli Lima Granja Xavier da Silva. 2023. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília, 2023.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017. Ed. Kindle

GUARINES, Deborah Cavalcante de Oliveira Salomão. OLIVEIRA, David Barbosa de. *O patriarcado e a reação feminista: a evolução da condição feminina nas sociedades ocidentais*. **Inovação e tecnologia social**. N. 13. V. 6. 2024.1.

GOLDHILL, Simon. **Amor, sexo & tragédia. Como os gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje**. Trad. Cláudio Bardella. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

GONÇALVES, Eliane; ASSIS, Mariana Prandini. *Reprodução social como trabalho e condição de existência: entrevista com Sílvia Federici*. **Sociedade e Cultura**, 2022. ISSN: 1415-8566. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70373170006>. Acesso 27 de novembro de 2025.

KAMENSZAINS, Tamara. *Bordado y costura del texto. Historias de amor (y otros ensayos sobre poesía)*. Buenos Aires: Paidós, 2000.

MORAES, Marcelo José Derzi. *A escuta por vir. Ensaio Filosóficos*, v. 24, p. 99–122, dez. 2021.

MULLER, Fernanda Coppeti. **Aborto e a rede de atenção à saúde no Brasil: um olhar da saúde coletiva**. Orientador: Marcos Claudio Signorelli; coorientadora Taysa Schiocchet. 2025. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2025.

RIVERA, Tânia. Hélio Oiticica. A criação e o comum. **Viso. Cadernos de estética aplicada**. 2009. ISSN 1981-4062. N. 7, jul-dez. 2009.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental**. Trad. Marcos Aarão Reis. 2ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

VALVERDE, Antonio José Romera. Humanismo, ciência, cotidiano – sob o Renascimento. Margem.

WAITHE, Mary Ellen (org.). **Uma história de mulheres filósofas (600 a.C. – 500 d.C). Vol 1**. São Paulo: n-1 edições, 2025.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. *A comunidade dos contemporâneos. Galáxia*, São Paulo, p. 60-71, 2013.